

ENTRE BARBIES E KENS: NEGAÇÃO E SILENCIAMENTO DO NEGRO NAS PROJEÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE A AUTOIMAGEM

Aline Oliveira Grion

Aluna da graduação em ciências sociais da UFRJ, bolsista PIBEX.
aline_grion@hotmail.com

Tais de Almeida Costa

Professora de Educação Física da rede estadual do Rio de Janeiro.

Prof. Dr.^a Simone Freitas Chaves

Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenadora do grupo de pesquisa Corpo Cultura e Imaginário Social. chavessimone@terra.com.br

Resumo: O presente estudo visou analisar aspectos da construção da autoimagem em alunos do quarto ano do ensino fundamental, com idade entre 9 a 11 anos, buscando estabelecer relações entre as representações de corpo apresentadas nas imagens por eles escolhidas e a identificação com códigos de pertencimento a uma cultura afro-brasileira. A pesquisa caracterizou-se como pesquisa-ação. Os dados originaram-se de recortes de imagens de revistas escolhidos pelas crianças, em que elas projetavam uma autoimagem ou aquela que gostariam de ter. A análise das imagens apresentadas nas projeções destes alunos nos apontou um silenciamento de pessoas negras, sendo escolhida somente por um menino, entre cinquenta e uma crianças. Assim, percebemos a inculcação precoce de modelos estereotipados de padrões corporais pelas crianças, oriundos, sobretudo das diferentes mídias, responsável pela negação da diversidade cultural e racial existente nos grupos sociais.

Palavras-chave: corpo; autoimagem; diversidade racial.

Abstract : The present report aimed to analyze aspects of the construction of self-image in students of the fourth year of primary school, aged 9 to 11 years old, seeking to establish relationships between body representations presented in the images they sorted and identification codes of belonging to a culture african-Brazilian. The research was characterized as action research. The data were derived from cuttings magazine images chosen by the children, where they projected a self-image or which you would like. Image analysis presented in the projections of these students pointed in a silencing of black people, being chosen by only a boy, between fifty-one children. Thus, we see the early inculcation of stereotyped models of body patterns for children, coming mainly from different media, responsible for the denial of cultural and racial existing social groups.

Key-words: body, self-image, racial.

O corpo é por excelência o depositário de imaginários coletivos e representações sociais. É a partir dele que se agregam uma infinidade de valores e simbolismos que dão significado ao mundo. A existência deste corpo é universal, pois como bem afirma o antropólogo Le Breton (2007), não nos relacionamos com corpos e sim sujeitos, entretanto os sentidos e as representações construídos nestas mediações do sujeito com o mundo apresentam-se matriciados por uma intrincada rede simbólica, responsável por fornecer sentido ao conjunto de práticas vividas com e a partir do corpo nas diferentes culturas e grupos sociais. Desta forma, ele cristaliza o imaginário social, provocando as práticas e análises que continuam a explicar sua legitimidade, a provar de maneira incontestável sua realidade. (LE BRETON, 2009)

Por essa propriedade catalisadora de significados e representações, o corpo tem merecido destaque nas ciências sociais, emergindo como protagonista nas análises e hipóteses de uma respeitável gama de produções contemporâneas. Os estudos sobre o corpo são cada vez mais transversais, entrecruzando necessariamente um conjunto de campos de conhecimento, provocando a interdisciplinaridade entre a história, etologia,

sociologia, antropologia, psicologia, psicanálise, biologia, medicina, educação física entre outras áreas tem se mostrado caminhos para a apreensão deste objeto de estudo.

Neste trabalho, nos ateremos às representações de corpo circulantes na sociedade moderna ocidental, que enquadram as teorias biomédicas como apenas mais uma representação socialmente construída. Para compreender este corpo, e que visões vêm sendo formadas precisamos fazê-lo tendo em vista a ascensão do individualismo¹ como moral definidora de parte considerável dos padrões de sociabilidade nas sociedades ocidentais. Nas sociedades tradicionais o homem é parte de um todo, da natureza e o cosmo, este corpo não representa fronteira ou elemento de individuação. Neste modelo de organização, não é a soma dos indivíduos isolados que forma a sociedade, mas sim estes sujeitos em relação. Como bem define Le Breton (2009):

O corpo moderno é de outra ordem. Ele implica o isolamento do sujeito em relação aos outros (uma estrutura social do tipo individualista) em relação ao cosmos (as matérias primas que compõe o corpo não tem qualquer correspondência em outra parte), e em relação a ele mesmo (ter um corpo, mais do que ser um corpo). O corpo ocidental é o lugar da censura, o recinto objetivo da soberania do *ego* (p. 9).

Embora suas bases já estivessem se formando a partir do Renascimento, um marco significativo para a ascensão da ideologia individualista foi a década de 1960. Período de grande efervescência cultural, onde muitos valores e ideais foram questionados e os sujeitos foram se voltando cada vez mais para si, para suas vontades e satisfações. Le Breton (2007) afirma que o “homem ocidental descobre-se um corpo” e a dualidade característica das sociedades ocidentais o opõe ao próprio corpo. Esse momento na história pode ser definido por marcadas quebras e enfraquecimento de paradigmas, dentre eles o cristianismo, onde homem se via sob o domínio do espírito e deveria anular seu corpo em favor deste. Este corpo antes submetido agora é protagonista, e discursos sobre prazer e satisfação própria fazem parte de uma chamada “liberação do corpo”. Chaves (1999) citando Baudrillard entende este processo da seguinte forma:

¹ A respeito da ascensão do individualismo na sociedade moderna ver Louis Dumont “O individualismo – uma perspectiva da ideologia moderna”. Editora Rocco.

A sua redescoberta, (...), sob o signo da libertação física e sexual, a sua onipresença (em especial do corpo feminino, ver-se-á porquê) na publicidade, na moda e na cultura de massas – o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o mito do prazer que o circunda, tudo hoje testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação (p. 137).

Com o deslocamento de significado que os indivíduos atribuíam a seus corpos, discursos e práticas indicam uma maior legitimação de ideologias individualistas. Ideais como beleza, virilidade, saúde, higiene, bem-estar paulatinamente começaram a tomar um lugar central que outrora era ocupado por narrativas religiosas que impunham a submissão desse corpo à alma. Sobre estas mudanças de perspectiva Chaves (1999) afirma:

Novas formas de pensar e agir o corpo têm sido remodeladas, reinventadas constante e incessantemente refabricadas, num processo que vem alterando significativamente a relação que os indivíduos têm estabelecido com o seu corpo. Podemos pensar que uma das grandes marcas no imaginário social das sociedades modernas seja a mudança nesta relação (p. 137)

Na tese do antropólogo Le Breton (2009), uma das características marcantes das sociedades modernas é o dualismo que separa o sujeito do próprio corpo, que seria uma espécie de *alter ego*, um outro passível de modificações e aperfeiçoamentos. Mesmo que os indivíduos não se percebam diferenciados e separados de seus corpos, as práticas e discursos apontam para uma notável dissociação.

As compreensões da corporeidade humana nas perspectivas social, cultural e do imaginário levam-nos a refletir sobre essa tessitura gerada na vida quotidiana, que envolve a mediação do corpo em tantos processos de exclusão, discriminação e segregação em torno da aparência corporal. Assim, percebemos que há uma tendência de circulação e inculcação de um padrão hegemônico de imagem corporal presente nas diferentes mídias, responsável pela negação da diversidade cultural e racial existente nos grupos sociais.

Chaves (2009) nos aponta para um a emergência de uma universalização dos modelos de corpo, representados num ideal estético de beleza atrelado ao corpo jovem,

saudável, magro quando não malhado. Estes estereótipos corporais não podem ser compreendidos sem levar em conta o papel da mídia, que embora não seja a única responsável, é sem dúvida um grande alimentador e propagador deste modelo de corpo que contribui para o apagamento da diversidade de formas corporais.

Esse modelo universal de beleza também é vigente na realidade social brasileira, onde este mesmo estereótipo de beleza magra, alta, branca e jovem se estabelece num território onde quase metade da população se declara preta ou parda². Ecos deste imaginário servem para reforçar e realçar preconceito racial e a discriminação, pois os fenótipos negroides não estão contidos nesse ideal de beleza e conseqüentemente a população negra é excluída dessa categoria.

As crianças e adolescentes acompanham estas mudanças e cada vez mais precocemente se inserem ou são inseridas em uma ética onde a aparência corporal se torna uma preocupação, em casos extremos demonstram traços obsessivos pela beleza em idade cada vez mais precoce. A criança adquire estes valores do meio social em que está inserida, repetindo padrões de comportamento que estão no seu entorno, e esse processo de aprendizagem em sua maior parte não é intencional ou consciente.

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi analisar aspectos da construção da autoimagem corporal de estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental buscando estabelecer relações entre as representações de corpo apresentadas e a identificação com códigos de pertencimento a uma cultura afro-brasileira, a partir de imagens presentes nas diferentes mídias, em particular nas revistas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS:

² De acordo com dados do Censo realizado pelo IBGE em 2010, 50,74% da população de autodeclarou preta ou pardas, 47,73% se autodeclarou branca e 1,09% se autodeclarou amarelo.

O presente artigo utilizou como metodologia a análise do discurso imagético produzido por crianças na faixa etária de 9 a 11 anos, estudantes do quarto ano de uma escola municipal do Rio de Janeiro. O material de análise foi produzido durante uma oficina realizada na escola pelo projeto de extensão e pesquisa “Corpos em Debate”, vinculado à UFRJ e contou com a participação de 51 alunos, destes 33 eram meninos e 18 meninas.

Por se inserir em uma perspectiva que prevê intervenções e reflexões críticas nas concepções encontradas, a pesquisa, de natureza qualitativa, caracteriza-se como pesquisa ação, pois através da intervenção dos pesquisadores com a comunidade pretende-se a ampliação do olhar e do nível de conhecimento sobre os fenômenos estudados. Segundo Thiollent (2002, p.14) trata-se de:

(...) um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Para a realização da intervenção distribuimos cerca de 50 revistas dirigidas à diversas classes sociais, que em sua maioria eram direcionadas à mulheres com os temas moda e variedades. Os participantes individualmente deveriam escolher dentre as imagens, uma que *o represente* ou que represente *o que ele gostaria de ser*. Esta imagem deveria ser colada em uma folha de papel com os dados de identificação (nome, idade, escola) o motivo da escolha.

Em seguida socializaram com o restante da turma suas escolhas e motivações. A partir destas falas foi iniciada a problematização e o questionamento dos motivos. A dinâmica teve como objetivo fomentar discussões e reflexões acerca da autoimagem dessas crianças e identificar a partir das imagens escolhidas se haveria um estereótipo de corpo predominante nas escolhas do grupo de meninos e meninas.

Foi observada a totalidade do processo, os discursos, as exclamações, a postura corporal e dúvidas dos participantes, as imagens e falas que explicaram a escolha destas, bem como as reflexões realizadas durante a problematização das dinâmicas. A partir do

discurso imagético apresentado pelos alunos, identificamos a presença de alguns estereótipos corporais escolhidos com regularidade pelo grupo.

ENTRE BARBIES:

O título do presente trabalho faz uma clara referência à boneca Barbie³ que nasceu em 1958, não por coincidência o momento supracitado de transformações de um imaginário relativo ao corpo.

As conhecidas e amplamente desejadas formas corporais apresentadas por esta boneca fez dela um ícone de várias gerações, sendo objeto de desejo de colecionadores de diversas idades. A Barbie extrapolou as fronteiras do brincar por apresentar um estereótipo corporal de beleza sobre-humana⁴ e um estilo de vida onde a preocupação com sua aparência corporal é excessiva, e embora seja apresentada em funções profissionais sua maior qualidade é ser bonita. Em resumo a boneca Barbie representa uma mulher sempre jovem, magra, branca, loira, maquiada e vestida com roupas que seguem a moda.

Formas corporais valorizadas socialmente existem nas mais diversas sociedades e momentos históricos, mas o que devemos nos atentar é para o fato de um objeto destinado ao uso infantil conter este estereótipo, o que corrobora a percepção da centralidade que o corpo atingiu na nossa sociedade. A inserção deste estereótipo de beleza passa a ser materializado no universo lúdico infantil, carregando um conjunto de representações desse modelo no brincar.

Quando foi solicitado às crianças que escolhessem nas revistas imagens que *o representem* ou que representem *o que ele gostaria de ser*, entre as meninas a escolha foi unânime na segunda opção: todas escolheram o que gostariam de ser, e as escolhas se referiam preferencialmente à beleza.

³ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Barbie> acesso em 20 de agosto de 2012

⁴ Alguns pesquisadores mostram que biomecanicamente, as medidas da boneca Barbie seriam impossíveis para um ser humano.

Simone de Beauvoir (1980) discutindo a construção social da mulher nos auxilia a compreender as escolhas dessas meninas, pois em seu estudo percebe que técnicas de controle social conscientes e inconscientes educam e formam socialmente meninas esperando-se delas apenas que sejam bonitas e passivas, sendo estas as características principais de feminilidade.

A beleza, como a maioria dos conceitos, apresenta uma polissemia que só tem seu sentido alcançado quando inserido no contexto em que está sendo utilizado. Para compreender o que é a beleza no imaginário deste grupo, nos voltaremos a uma análise das imagens escolhidas, pontuando os elementos elencados pelo grupo como pertencentes a essa categoria.

O cabelo é liso, embora possa haver algumas leves ondulações. O cabelo cacheado e crespo foi verbalizado como duro, feio e difícil de ser cuidado. O corpo é magro atlético e apenas um corpo diferente foi aceito, o malhado. A juventude é um imperativo, em nenhuma das imagens havia uma mulher que aparentasse mais de 25 anos, quando questionados, afirmaram que um termo exclui o outro: “não dá pra ser bonita e velha ao mesmo tempo!”.

A pele é branca admitindo-se pele bronzeada, mas a pele negra não apareceu em nenhuma das imagens escolhidas por estas meninas, e a que apareceu nas escolhas dos meninos não foi relacionada à beleza. O rosto mereceu mais atenção e a maioria das imagens o tinha como destaque, em detrimento do corpo, embora elementos associados à sensualidade e eroticidade como seios fartos em decotes, barrigas lisas, roupas curtas e justas também estivessem presentes algumas escolhas. Elementos associados à feminilidade como maquiagem, bijuterias/jóias, saias e vestidos foram uma constante.

As falas em tom jocoso expressavam a inadequação da maioria da turma ao conceito de beleza representado nos recortes, culpabilizando e ridicularizando as escolhas uns dos outros e até mesmo as próprias escolhas. Algumas meninas tinham poucas possibilidades de serem enquadradas no estereótipo de beleza que elas mesmas apontavam como branco, alto, magro, com cabelos lisos.

A imagem de uma mulher com músculos hipertrofiados, cabelos loiros com comprimento abaixo da cintura devido a um aplique, olhos azuis com lentes de contato foi a que mais se diferenciou do padrão. Era a foto da cantora e dançarina de funk Waleska Popozuda. Segundo as crianças ela não estava ali por ser bonita e sim pelo "corpão". A notória transformação corporal foi um tema das discussões e percebida como uma possibilidade válida para os insatisfeitos com o próprio corpo.

As observações durante a pesquisa nos apontaram um padrão estético nas escolhas das imagens pelas meninas. Esta beleza pressupunha adequação a um modelo, que assim como o corpo da Barbie⁵, valorizava apenas uma forma entendida como o sinônimo de beleza, negando e silenciando as outras inúmeras possibilidades de formas que o corpo humano pode possuir.

Este único formato de corpo presente nas projeções não era compatível com a variedade de formas e cores que aquelas meninas possuíam. Esse dado era percebido e comentários como "você nunca vai ser assim", "você é preta como é que escolheu essa imagem", "'Fulana' é muito feia e escolheu uma foto de mulher bonita" eram escutados durante toda a atividade. As meninas se defendiam dos comentários, mas pareciam ter dúvidas sobre esta possibilidade dizendo que nesta atividade poderiam escolher a imagem que desejassem.

ENTRE KENS:

O título do trabalho também faz referência ao par de oposição da Barbie, o seu namorado o Ken. A figura deste boneco não foi evocada no discurso ou nas escolhas dos meninos, mas certamente ele representa o modelo das novas masculinidades que estão sendo construídas, onde é exigido do homem mais do que potencial provedor ou protetor.

⁵ Embora tenhamos conhecimento dos diversos modelos de bonecas Barbie lançadas principalmente a partir da década de 80 que tinham o intuito de valorizar a diversidade étnica, estamos nos referindo ao imaginário de perfeição e beleza representado por esta boneca.

A diferença entre os gêneros que notamos nas projeções demonstra o quanto este corpo é simbolicamente diferenciado e socialmente construído a partir da diferença nos órgãos reprodutores. Bourdieu (2003) percebe que é no corpo que se inscrevem as disputas pelo poder, constatando neste, a materialização da dominação masculina, que vitima tanto homens quanto mulheres.

Entre os meninos notamos uma maior variabilidade nas escolhas, e alguns deles optaram por procurar imagens que representassem *como eles eram*. Muitos também optaram por escolher mais de uma imagem, 33 participaram da atividade e 43 imagens foram escolhidas. Quando questionados sobre as motivações de suas escolhas as respostas também eram mais diversificadas, mas em geral se referiam a bens materiais, profissões e ascensão social.

Beauvoir (1980) quando fala da construção do ser social mulher, também nos informa sobre a construção do ser social homem, pois o gênero é uma categoria relacional, e como tal, constrói seu sentido através da oposição ao outro. Logo categorias homem e mulher só fazem sentido enquanto par de oposições. A autora afirma que, para os meninos, as possibilidades são muito mais amplas e eles são encorajados a se aventurar e a conhecer o mundo, dessa forma criam uma vontade de afirmar em projetos concretos.

Homens ao lado de carros novos, com clara referência a alguma profissão socialmente valorizada, homens de terno e atletas foram as imagens mais frequentes, embora a imagem mais solicitada fosse inegavelmente a do jogador de futebol, que era disputada e avidamente procurada. Alguns meninos folhearam mais de quatro revistas a procura de um jogador de futebol, partindo para uma segunda opção somente após o insucesso da primeira busca.

As projeções se vinculavam a funções e ocupações como skatista, dançarino de hip hop, cantores de rock, atletas e homens bem sucedidos com ternos. A projeção em objetos como televisão e carros também foi cogitada, entretanto não foram recortadas. Modelos e atores também foram recortados, mas a explicação principal para a escolha era a fama e o dinheiro sendo a beleza um argumento acessório. Em alguns casos a beleza foi dispensada em detrimento da riqueza e status.

Um dos alunos escolheu duas imagens de tenistas devidamente paramentados com suas raquetes e ao lado destas imagens colou logomarcas de emissoras de TV e refrigerantes. Quando perguntado sobre o sentido, não soube responder ao certo, dizendo apenas que daquele jeito ficaria melhor. As logomarcas agregadas à imagem emprestavam prestígio, poder e riqueza ao homem ali representado.

Neste caso comentários jocosos sobre a escolha também foram feitos apontando a diferença da realidade observada na imagem e a imagem objetiva do aluno. Entre os 51 alunos que participaram da atividade apenas uma imagem de um negro foi escolhida por um menino: a foto do jogador de futebol Pelé, sendo a motivação para a escolha a habilidade no esporte, o dinheiro e fama que este jogador teria.

ENTRE O QUE SOMOS E O QUE QUEREMOS SER

O desenvolvimento das concepções analisadas neste trabalho não são exclusivas das crianças ouvidas, tampouco produzidas individualmente por elas, são apreendidas por um processo de aquisição de *ethos* que depende de sua relação com a sociabilidade que a cerca (família, grupo de amigos, escola, mídia etc.) que moldará sua maneira de interpretar o mundo. Assim também ocorrerá com o corpo que se socializará, carregará as marcas fornecidas e enquadradas pelo contexto sociocultural em que recebe as influências, desde o seu nascimento. Este processo de assimilação de comportamentos o acompanhara por toda a sua vida, entretanto é na infância e adolescência que estes são mais intensos e mais fortemente marcados. (LE BRETON, 2007.)

A partir da fala infanto-juvenil, que se diferencia da fala adulta por conter menos “filtros”, produzindo menos “acordos de fala”, percebemos que valores, simbolismos e representações são associados às formas corporais que a envolvem. Os discursos das crianças, a todo o momento, relatavam as diferenças entre a imagem escolhida e a imagem objetiva de cada um; quando questionados sobre o possível motivo desta

disparidade, as respostas apontavam a beleza, a fama e “qualidades morais” – “*elas são legais, por isso estão na revista*”.

Michaud (2008) ao traçar um histórico das visualizações nas sociedades ocidentais aponta um deslocamento de valores, observando que a beleza torna-se uma obsessão que se fez presente principalmente através das artes populares e será difundida imensamente no imaginário das massas. Os valores estéticos foram lentamente se infiltrando nos morais. “O belo toma conotação do bem”.

As sociedades ocidentais do tipo individualistas, anteriormente definidas, são formadas por sujeitos centrados em seus corpos, o que é um problema quando a maioria deles não será enquadrada na categoria belo e por consequência também será excluída da categoria bom. Parte considerável das novas psicopatologias (anorexia, bulimia, uso de esteróides anabolizantes) está ligada ao sentimento de inadequação que o restritivo modelo belo traz consigo.

Durante o processo de procura das imagens, falas que se referiam à dificuldade de encontrar uma imagem que representasse a sua própria imagem foram ouvidas diversas vezes, as crianças depreciavam as escolhas umas das outras e as falas mais comuns era: “*você nunca vai ser assim*”, “*você nunca vai ter esse carro*”, “*fulana é preta e escolheu uma loirinha*”.

A análise da construção da autoimagem pressupõe que apenas a observação do aspecto físico das imagens escolhidas não abarca a totalidade do “*como nos vemos*”, e os discursos repetidos e reafirmados por risos e manifestações de apoio nos dão pistas preciosas sobre esse processo de construção da imagem de si. Ao mesmo tempo em que meninos e meninas se projetam em imagens que representam a fama, sucesso, distinção e glamour, eles não se percebem capazes de acessar essa realidade, e expressam isso depreciando os colegas e a si mesmos. A marca lingüística *nunca* que se repetiu diversas vezes é muito forte apontando o encerramento na condição em que se encontram. Nesse caso como inadequados e inferiores ao padrão de beleza que se impõe socialmente e que é aceito e corroborado como certo por eles.

O formato da pesquisa pressupõe questionamentos e estímulo à reflexão sobre as escolhas. Questionados sobre o que haveria de comum naqueles corpos, reconheceram um padrão imagético nas escolhas e perceberam a ausência de pessoas negras. A observação desta ausência pareceu intrigar os alunos que não tinham uma explicação formal para o fato de suas escolhas excluírem a imagem que mais se repetia nas suas feições e cores, notavelmente negras e mestiças.

No corpo discriminado e preterido também são impressas as marcas deste imaginário, o descontentamento, a negação, a desvalorização da autoimagem são os principais elementos encontrados na construção social do corpo negro. Gomes (2002) parte desta premissa ao afirmar que “o corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário”. No esforço de compreender a formação da identidade negra, percebe que o ambiente escolar é uma constante muito significativa na construção da narrativa dessa trajetória. Infelizmente nem sempre a escola contribui positivamente nesse processo.

(...) a escola, assim como a nossa sociedade, vêem o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixa marcas profundas na vida desses sujeitos. Muitas vezes, só quando se distanciam da escola ou quando se deparam com outros espaços sociais em que a questão racial é tratada de maneira positiva é que esses sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade.

Enquanto os alunos participantes da pesquisa folheavam as revistas percebemos que imagens de pessoas negras eram ignoradas ou descartadas como possibilidade de escolha. Embora a quantidade de pessoas negras seja muito menor que a quantidade de pessoas brancas, essas imagens existiam. Imagens de jogadores de futebol, por exemplo, eram muito mais escassas, entretanto extremamente valorizadas naquele contexto, logo a quantidade de imagens de pessoas negras na revista seria uma explicação de causa e consequência que não daria conta da complexidade do tema.

Compreendemos que as categorias raciais no Brasil têm uma fluidez e uma relativização subjetiva e relacional, e esta classificação é intimamente ligada à

intensidade de traços negroides que o indivíduo possui. Notamos que nesta escola parte considerável dos alunos é parda ou negra.

O antropólogo Oracy Nogueira (1955) ainda na década de 1950 realizou uma pesquisa que tinha o intuito de compreender como seriam as relações entre negros e brancos no Brasil. Ele categoriza a realidade encontrada em nossa sociedade com o conceito *preconceito de marca*, que leva em conta questões relacionadas aos fenótipos, sendo esse o critério que separa discriminados de discriminadores, existindo uma graduação, onde os indivíduos com fenótipos mais *negroides* sofrerão maior preconceito e terão menos possibilidade de ascensão social.

Esta configuração das relações raciais não nasce nas escolas, mas esta instituição é uma reprodutora e alimentadora do preconceito e da discriminação por uma série de condutas segregadoras e principalmente por meio de um silenciamento da questão. Esta é a tese defendida por Cavalheiro (2001) que acompanhou crianças em turmas de educação infantil em seu convívio social, familiar e escolar observando principalmente a intervenção do adulto durante e depois de um conflito de ordem racial. A autora pode observar que mediante estes conflitos a conduta habitual era o silenciamento da questão e o incentivo à naturalização destas condutas. Observou também que as imagens nos cartazes, fotos e livros apresentavam escassez de imagens de pessoas não brancas. Sua análise concluiu que “dessa maneira, o espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/europeia predominante nos meios de comunicação e na vida social. (p. 145)

A complexidade do tema não será esgotada neste trabalho, contudo tomaremos a noção de Bourdieu (2003) de *violência simbólica*, que compreende as relações de poder e de mecanismos de inculcação como naturalizadores da condição de inferioridade e o dominado passa a se perceber e a se valorar como inferiores. O termo *violência simbólica* nos ajuda a entender a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, assim como não percebem a influência das práticas linguísticas e de outras práticas reforçadoras dessa realidade.

Este sentimento de inferioridade e inadequação percebido e verbalizado durante a pesquisa é fruto de um processo aqui exposto de construção de um padrão

universalizante de beleza que dá a apenas uma pequena fatia da população a possibilidade de alcançá-lo. E apenas a estes indivíduos cujo corpo se adapta – naturalmente ou artificialmente – são oferecidas as benesses de ser percebido como belo e logo como moralmente bom.

POR FIM...

A escola é entendida por nós como um espaço privilegiado para troca e construção de conhecimento e também de formação de indivíduos e identidades. Esta instituição é apontada por Cavaleiro como uma eficaz reprodutora das relações sociais, pois informa objetiva e subjetivamente aos seus alunos seus lugares sociais. A autora percebe que as práticas no ambiente escolar e familiar devem ser pautadas para a formação de indivíduos que tenha relações raciais mais saudáveis, pois quando “uma criança presencia diariamente a igualdade de tratamento tende a reproduzir essa mesma igualdade nas demais relações” (2001, p.154).

Contudo se este espaço se furtar a abordar assuntos polêmicos, a negação e silenciamento das questões raciais podem tornar-se uma prática cotidiana, fazendo do ambiente escolar um aparato ideológico de perpetuação dos padrões de exclusão.

Um trabalho realizado em uma oficina de 50 minutos deve reconhecer seus limites de alcance, mas também deve reconhecer suas potencialidades de contribuir para a formação de indivíduos que tenham relações raciais mais saudáveis e baseadas no respeito e igualdade. O estímulo ao debate e a reflexão de determinados padrões de conduta é um grande avanço quando se trata da educação e principalmente da educação das relações raciais. A abordagem destas questões deve ser cuidadosa, objetivada e informada, para os mecanismos de perpetuação desta violência simbólica sejam apontados, historicizados e desnaturalizados, abandonando finalmente a ideia da diversidade como sinônimo de desigualdade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAVALHEIRO, E. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In: Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. CAVALHEIRO, Eliane (organizadora). São Paulo: Summus, 2001.

CHAVES, Simone Freitas. **Em cena: o corpo**. Sentidos que circulam com o corpo nas propagandas de televisão. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 1999.

_____. **No Labirinto dos Espelhos: O corpo e os esteróides anabólicos**. Niterói, RJ: Nitipress, 2009.

GOMES, N. L.(2002): Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira Educação**. no. 21.Rio de Janeiro

LE BRETON, D. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. RJ: Vozes, 2009.

_____. **A Sociologia do Corpo**. 3. ed. RJ: Vozes, 2007.

MICHAUD, I. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Vozes, 2008b. v. 3, p. 541-565.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Revista Anhembi**. São Paulo: abril. (Republicado em Tanto preto, quanto branco, em 1985).

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez, 2002.